

Quantos caminhos não fizemos juntos  
Neruda, meu irmão, meu companheiro...  
Mas este encontro súbito, entre muitos  
não foi ele o mais belo e verdadeiro?

Canto maior, canto menor – dois cantos  
fazem-se agora ouvir sob o Cruzeiro  
e em seu recesso as cóleras e os prantos  
do homem chileno e do homem brasileiro  
e o seu amor – o amor que hoje encontramos...  
Por isso, ao se tocarem nossos ramos  
celebro-te ainda além, Cantor Geral  
porque como eu, bicho pesado, voas  
mas mais alto e melhor do céu entoas  
teu furioso canto material!

A Pablo Neruda *Atlântico Sul, a cam. do Rio, 1960*

Por não seres aquela que eu buscava  
nem do meu ontem nada recordares,  
por não haver, aquém e além dos mares,  
alguém mais relva e seda, avena e lava;

por efêmero e o vão me revelares  
dos ídolos antigos que adorava  
e por assim sem cânticos chegares  
quando de tudo eu já desesperava;  
E por seres feliz e por queres  
a alguém que é feliz, até o resto  
de mim, quando talvez nem mais viveres,  
serás, inesperada e longe amiga,  
presente em todo pensamento, gesto  
e palavra de amor que tenha e diga.

Soneto da mulher casual

Vinícios de Moraes: Livro de Sonetos, 2013, 8ª reimpressão.

Editora Schwarcz S.A. – [www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br) – gentileza de Látia Lacerda.

Eu te amo, Maria, te amo tanto  
que o meu peito me dói como em doença  
e quanto mais me seja a dor intensa  
mais cresce na minha alma teu encanto.

Como a criança que vagueia o canto  
ante o mistério da amplidão suspensa  
meu coração é um vago de acalanto  
berçando versos de saudade imensa.

Não é maior o coração que a alma  
nem melhor a presença que a saudade  
só te amar é divino, e sentir calma...

E é uma calma tão feita de humildade  
que tão mais te sobusse pertencida  
menos seria eterno em tua vida.

Soneto de contrição

Rio, 1938

## SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XX, Nº 02 – 2016 FEVEREIRO

Assinatura até 31.12.16: 10 selos postais

de 1º Porte Nacional Nêo comercial (R\$ 1,05).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ [www.haiku.sf.nom.br](http://www.haiku.sf.nom.br) ☀

Hay versos en los pliegues de sus labios,  
que la esperanza en su sonrisa labra;  
ni aun su desdén puede causar agravios,  
y es un himno de aurora su palabra.

(«¡Incógnita!»)

Julio Herrera e Reissig. Poesía Completa y Prosas,  
Lectura de texto por Eduardo Espina; Scipione Cultural, 1998,  
gentileza de Raynal Augusto Costa

É mais que um beijo: é uma prece  
aquele beijo miudinho  
com que a mãe afaga e aquece  
os seus filhotes no ninho...

A. A. Assis, 0702 Trovaregre  
Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301  
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Deveria quem não me ama,  
também sentir meu penar,  
pelo menos um só grama  
do peso do meu pesar.

João Batista Serra, 1002  
O Patusco: Caixa Postal 95  
61600-970 – Caucaia/CE

Um enigma é o seu Joaquim!  
Cria cada confusão...

– Pra dizer não – diz: *Pois sim!*  
– Pra dizer sim – diz: *Pois não!!!*

Maria Madalena Ferreira, 1302  
Trevo na Trova  
UBT – Seção de Taubaté/SP

Quem desrespeita, o idoso,  
é um infame, entre os demais,  
no mínimo! É insultuoso...  
até, com seus próprios, pais...

Pedro Grilo, 1202, Trinos  
do Pitiguar: Rua Guanabara 542  
59014-180 – Natal/RN

O poeta, minha gente  
não pense que é feliz  
pois nunca diz o que sente  
mas sempre sente o que diz.

Zelito Magalhães, 1202 Binóculo  
ivonildodias@secrel.com.br  
jbatista@unifor.br

1. Preencher os haikus que desejar, (veja  
quigos ao lado, à escolha) num mínimo de  
folhas **para cada grupo (quando mais de  
um)**, com nome, endereço e assinatura.  
Despachá-la normalmente pelo correio e/ou  
e-mail com nome, **endereço** e **CEP**  
do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. À medida que chegarem seus haikus assim  
enviados e de *conteúdo abaixo*, serão  
publicados em nossas Seleções em Folha.

☀ **Paulo Franchetti**: O haicu é menos uma  
questão de forma do que de atitude. No

Brasil, sua métrica 5-7-5 é artificial. O exercício de sua  
prática é duplo. Por um lado, é um exercício de alteridade:  
tentar ver o mundo de um ponto de vista externo à nossa  
tradição internalizada. Por outro, é um caminho, um jeito  
de ser, uma atitude frente à vida.

## PRATIQUE NESTAS SELEÇÕES!



## FAÇA E ENVIE SEUS HAICUS!



Até o dia **30.05.16**, quigos: Camélia, Coruja, Garoa, Geadá, Minuano, Poluição, Rio seco,  
Paina, Pau-de-sebo.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Rua Des. do Vale 914, Ap 82.  
05010-040 - São Paulo/SP

ou [mfmendez@superig.com.br](mailto:mfmendez@superig.com.br)

Por isso não gosto de haikus especiosos, em que a metáfora  
ou jogo de palavras ou os conceitos fiquem centro da  
atenção. O essencial é o registro limpo de uma sensação  
ou percepção. Isso é o que acho que o haicu tem de  
diferente. Creio que com isso ele pode contribuir, trazendo

que deixa de dizer, pelo que se recusa a continuar dizendo.

Leia este texto completo em  
**SF9810, Seleções em Folha OUT/98.**

## HAICUS BRASILEIROS



TEMAS DE VE



RÃO (QUIDAI)



Flamboiã rosado  
dando sombra no quintal.  
Um lar perfumado.

Ailson Cardoso de Oliveira

Nos galhos copados,  
os frutos do café verde  
mudando de cor...

Amália Marie Gerda

Passa encharcando  
chuva brava, repentina.  
Aquele toró.

Amauri do Amaral Campos

Na escura noite  
hibiscos vão florescendo...  
luzes nos canteiros.

Anita Thomaz Folman (+)

Um toró violento  
surpreende a multidão.  
Corrida aos abrigos.

Eduardo Zá

Flores de jasmim...  
O perfume se espalha  
no caminho da escola.

Iraí Verdan

Jasmineiro em flor  
no jardim defronte a casa.  
Rua perfumada.

Ailson Cardoso de Oliveira

Ao entardecer,  
com melancólicos cantos,  
as cigarras partem...

Amália Marie Gerda

Numa embaúba  
os frutos pendem em cachos.  
Um bicho preguiça.

Amauri do Amaral Campos

No tronco do fícus,  
uma fruta muito estranha:  
só cigarra morta.

Antonio Cabral

Trovões e relâmpagos  
clareiam a noite toda.  
A chuva incessante.

Eduardo Zá

Desaba o toró...  
Sob o telhado de zinco  
barulho de goteiras.

Iraí Verdan

No céu negro véu,  
trovoadas assustadoras.  
Pânico geral!

Ailson Cardoso de Oliveira

Uma hortêncisa rosa  
nas mãos de uma menininha –  
dois buquês de flor...

Amália Marie Gerda

Panetone em baixa,  
prateleira já vazia.  
Sobras de dezembro.

Angelica Villela Santos

Em variadas cores  
a hortêncisa no jardim.  
Muitos comentários.

Antonio Cabral

Passistas, abre-alas  
e as baterias, silêncio.  
Contagem de votos.

Iracema Gomes

Grupo fantasiado  
esperando o Carnaval  
desfila no entrudo.

Renata Paccola

Muita trovoadas  
e os cachorros na cozinha.  
O toró chegou.

Alba Christina

Plena e extensa  
em uma mesa do canto.  
Flamboiã bonsai.

Amauri do Amaral Campos

Toró vem de novo.  
Deixa o caminho alagado.  
Catraia na rua.

Angelica Villela Santos

Flores brancas na árvore  
chama atenção de quem passa.  
Jasmineiro em flor.

Antonio Cabral

Ramos empilhados  
de café verde, brilhantes...  
Camponês contente!

Iraí Verdan

Escorre a enxurrada.  
Folhas e capim boiando.  
O azul e o arco-íris.

Roberto Resende Vilela

No jardim antigo  
perfume rescendendo  
jasmim do cabo.

Alba Christina

Cores no quintal.  
Nas luzes deste verão  
brilha um jasmim.

Amauri do Amaral Campos

Antes do toró,  
vem medonha trovoadas.  
Animais se escondem.

Angelica Villela Santos

Florescida árvore,  
as pessoas extasiadas.  
Olor de jasmim.

Eduardo Zá

No jardim singelo  
de entre as flores desponta,  
a dália vermelha.

Iraí Verdan

Cidade enfeitada.  
Barulho ensurdecador.  
Carnaval de rua.

Roberto Resende Vilela

‘ M E I N K A M P F ’

Gilles Lapouge ([gilles.lapouge@wanadoo.fr](mailto:gilles.lapouge@wanadoo.fr)), tradução de Roberto Muniz; O Estado de São Paulo 09.01.16, Caderno 2|C5.

A republicação na Alemanha de um livro  
de 18 de julho de 1925 tornou-se um acontecimento.  
No entanto, esse livro sempre foi sucesso.  
Após uma arrancada inicial lenta,  
pegou velocidade de cruzeiro a partir de  
1929 e hoje se calcula que já foram impres-  
sos 30 milhões de exemplares – principal-  
mente na Alemanha, mas também no mundo  
todo, em muitas línguas. Mesmo assim,  
republica-se. Estranho. É preciso dizer que o  
livro se chama *Mein Kampf* (Minha Luta) e seu  
autor é Adolf Hitler.

Nele, é anunciado, oito anos antes da ascensão  
de Hitler ao poder, o programa político do respon-  
sável pela morte de dezenas de milhões de  
pessoas, pelo assassinato científico de judeus e

por desolação na Europa. Hitler o escreveu  
quando cumpria nove meses de prisão após  
o fracassado golpe de Estado de 1923,  
conhecido como Putsch da Cervejaria, com  
sugestões do amigo Rudolf Hess.

O texto alemão é deplorável (Hitler não  
tinha muito estudo) e as frases, como o  
pensamento, são tão mal elaborados, tão  
confusos que os primeiros leitores mal  
conseguiram se localizar ou avaliar a dose de  
delírio e horror contida no livro-programa.

Nos anos seguintes, enquanto Hitler se  
aproximava do poder, seus amigos o persua-  
diram a melhorar o texto. Um deles teve  
papel de destaque com as correções, Bern-  
nard Stempfle. Sua dedicação, porém, de

nada lhe valeria: seria morto pelos nazis-  
tas na Noite dos Longos Punhais, talvez  
por ordem do próprio Hitler. Stempfle  
dissera ao autor que ele escrevia “em mau  
alemão”.

Em 1930, o livro encontrou seu público  
e, após 1933, tornou-se a bíblia do regime.  
Edições de luxo eram feitas. Jovens  
casais recebiam um exemplar de *Mein  
Kampf* de presente de casamento. Como  
Hitler era um homem sensível, exigiu que  
sua obra fosse publicada em braile, para  
que os cegos também pudessem usufruir  
dela. Ficaram assim sabendo que, em  
1925, o jovem Hitler previa que, no futuro  
Grande Reich, os “deficientes” seriam

eliminados e os “povos inferiores” seriam  
escravizados pelos “superiores”.

Entre os “povos superiores”, estavam os  
franceses, que ganharam a guerra de 1914-  
18. O livro, claro, verte ódio contra os judeus.  
Estão lá os clichês mais abjetos (clichês que o  
marechal Pétain vergonhosamente retomaria  
durante a ocupação alemã de 1940-44).

Os piores tratamentos aos judeus são  
anunciados, mas não se fala em câmaras de  
gás, apenas há algumas alusões obscuras. É  
esse o livro que de novo aparece na Alema-  
nha, tendo caído em domínio público 70 anos  
após a morte do autor. Alguns ficaram choca-  
dos com a ressurreição do texto ignóbil.  
Outros se afastaram da produção da obra em

nome de um escrúpulo histórico.

A nova edição, de 2 mil páginas, é acompanhada de notas científicas redigidas pelo Instituto de História Contemporânea de Munique, que trabalhou nela desde 2009. Esses historiadores pretendem “desconstruir”

a popularidade do regime nazista.

O livro será republicado na França? O editor Fayard o colocou em sua lista, mas não se sabe quando o publicará. Muitas vozes se levantaram indignadas. Outros acham que se trata de uma discussão inútil.

De fato, já existem na França edições com tiragem limitada de *Mein Kampf*.

E, na internet, qualquer um pode ler o livro com um simples clique. “Não é mais saudável, então, opor a essa prosa um

texto produzido num ambiente científico, o texto dos historiadores de Munique?” É... Mas, para alguns, a obra se assemelha a uma besta imunda, cuja simples contemplação traz o risco de envenenar nossas cidades e corações.

## SELF NO CADAFALSO

Edmilson Felipe (dimi2005@uol.com.br), Editora Patuá 2015 – www.editorapatua.com.br

### SELF NO CADAFALSO

Eu vejo Sísifo carregando o rochedo em sacola reciclável / enquanto bebo o vinho da putaria na orla das madrugada

...

Freud – Nietzsche – Foucault dançam no horizonte atávico / das bancas de jornais / – self no cadafalso – / a humanidade abortando novo paradigma / : cabeças conectadas – hiperlinks ambulantes automatizados / pelo instantâneo tecnotranscendental do lixo extraordinário / ... / do Oiapoque ao Butão / Afeganistão – States / Umbuzeiro – Islândia – Montevideu / / / Eu vejo um futuro lacrimajante no céu dos insurgentes / da Praça Carauari / & tenho quase certeza que o mundo já foi engraçado / / / Porém, / não sabíamos rir. / ... /

### A REALIDADE É MEU ESCONDERIJO SECRETO

É lá que deposito / ilusões beligerantes em guardanapos & porres intempestivos / onde sinto ecoar o amor através de gritos loucos por / ruas extraviadas / onde me alimento de pão/fumaça nos transportes coletivos / em secundas-feiras cabisbaixas – sem futuro / onde entrego a moeda ao menino escuro malabarista de farol / que agradece em nome de um deus afogado num mar / de lama barroca / onde vejo a mulher com seu cão sorridente – defecante / onde observo os boêmios com seus copos de tempesade / e máximas de sal grosso – feijoadas de clorofórmio – / dentaduras e torresmos tortuosos / onde escuto mumunhas tropicais dos adolescentes sem / namoradas na dança de um mistério solar / onde invado a propriedade alheia de berços / e fotografias esquizofrênicas / onde jornalistas vomitam notícias de salvação do planeta / sentados em sofás confortáveis e

xicaras de seda leve. / onde vejo um país inteiro enxugando lágrimas por causa / de um jogo de futebol anêmico – negociado...business my / friend...business... / onde violências paquidémicas de policiais robotizados / acentuam as marchas fúnebres dos estarrecidos engajados / onde o crack passeia pelo crânio dos meninos / ensanguentados na rampa da alegoria infantil – sem skate / e videoclipe / onde o teatro das minhas ilusões perdidas acontece toda vez / que desço aos infernos e tomo um refresco de óleo diesel / sem gelo / A realidade é meu esconderijo secreto / pesadelo petrificado / onde eu possa finalmente abraçar / o cotidiano alucinado / e dormir com olhos abertos de êxtase.

### A ARTE DA VIDA

Faça-me rir aquarela basta de sequelas... catástrofes na moldura da história. Quero cores na aventura do pincel o verniz da vida junto ao céu da tela branca : crianças correndo na dança da chuva – alegremente amigos brindando o encontro – solenemente tardes & debussy como a ardente magia dos quadros no feitiço da tinta quando remexida e você junto a mim na parte que cabe a arte da vida [...]

### POÉTICA DO ESPESSE

As asas do verso avesso não carregam lucros especulativos – patacoadas fiscais – pemedas do UFC – truculência urbana no feicebuqui – Não! tempo não vai ficar bom... – o tempo é de calamidades enrustidas de planejamento – pomochanchadas & aeromoças – saúde pública na senha de espera – a a nova era no limbo da mídia

### Nas asas do verso avesso

a água não dá pro banho, que dirá pro molho na barba de Bachelard... o ar já foi rarefeito, o fogo já fez fumaça na praça do inconsciente e a terra aciona a memória do continente roubado ... nas asas do verso avesso não há poética do espaço & sim do espesso.

### NO CAULE DA TUA AUSÊNCIA

Faltam-me versos os dedos dos pés enroscados na sua nuca molhada faltam-me palavras infladas de sentido falta-me ar sigilos infligidos na calada da noite falta-me a súplica

banhada de um sol lílãs no outono das pradarias os prazeres

e os dias de Proust faltam-me ... transilvânia & teto solar no beiral do atol das rocas faltam-me rochedos assimétricos em punta del leste afrescos & presságios na fachada dos canaviais um batuque sensível no portal da inteligência falta-me um gole d'água no caule da tua ausência.

### O AMOR EM FATIAS

E tudo não passou de um mero pesadelo... o conselho negado na hora do vaticínio, um Lupicínio qualquer num domingo chuvoso. Tudo não passou de um gozo tardio. Ninguém percebeu o choro no escuro, corpos distantes, mãos calejadas de carficias fugazes... ninguém percebeu a lamina dos dias cortando em fatias o amor.

### DÚVIDA

Sabe-se lá quanto custa aos olhos do poeta observar teu corpo flutuando em pleno mar Egeu?

Nem eu.

Raleio na mata – saracura só espregia a minha marmitta.

Nos campos de trigo um talhão de sarraceno – criança celíaca.

Gracejo das emas me leva ao acostamento – fiscal de binóculos.

Azuis aguapés cobrem a vala do esgoto – rastro de criança.

Bastou a semana e as carambolas forraram a terra vermelha.

Sob a trovoada a família abraçadinha na casa sem luz.

Neide Rocha Portugal (nrportugal@yahoo.com.br), Pólen: haicais (Verão), Scortecchi, 2015 – www.scortecchi.com.br

## B A T O M , S E M P R E O B A T O M !

Quando jovem namorei demais. Toda garota que eu simpatizava, acabava sendo minha namorada. Não sossegava enquanto a pequena resistia. Dava uma de Don Juan e terminava a conquistando. Grande beijo-queiro, deixava as meninas facilmente apaixonadas.

Fui um moço, verdadeiro namorador de bom-tom

me chamavam beijoqueiro e comedor de batom.

Ainda casado, nas horas vagas, continuei dando os meus pulinhos. Minha esposa ameaçava-me sempre ir embora. E eu bastante sagaz, defendia-me, buscando toda vez, um jeitinho de convencê-la. E a nossa união aumentava ainda mais. Mas quando eu pulava o muro, aí tome briga.

Cheguei sujo de batom. Em casa, paz nunca mais! Ciúme, um pouquinho é bom, mas bastante, é ruim demais!

Parei de zangá-la depois que ela me fez um medo: procurou os pais, lá morou três meses. Voltou debaixo de várias promessas. Prometi-a de nunca mais repetir...

Também da última vez foi demais! O flagrante encheu-a de razão:



Morena, és tu uma brasa, estar contigo foi bom, ruim foi eu chegar em casa todo sujo de batom.

João Batista Serra, Caixa Postal 95: 61600-970 – Caucaia/CE: O Patusco Ano XII, Nº 89, JAN FEV 2010.

### Masaoka Shiki (1867/1902) batizou o hoku, primeiro terceto do haikai, de haiku!

Uma pontuação incorreta, ou omissa, gera uma pintura de próprio punho e, não, fotografia ou filme.

Enfitear com termos poéticos, deixa também de ser uma narrativa de algo acontecendo aqui e agora, onde não cabe nenhuma nossa opinião ou observação.

Assim também pensamentos e tropos apresentam somente o ego do autor e não um trevo haicu que se preze.

Lembramos também que fotografia não tem interrogação ou admiração ou reticências... O autor simplesmente – narra e/ou descreve – o que está vendo.

O texto não deve ser derivado de uma câmara fotográfica onipresente, toda revestida de plurais ou abstrações e, muito menos, exagero, mas sim – o que é visto.

Diferente da trova, o trevo haicu é aberto, o autor deixa para o leitor completá-lo:

Se Agosto é mês de desgosto, então me dê seus porquês, pois nesse mês fica exposto todo o florir dos ipês!

Floridos galhos desfolhados – o ipê.

É claro, evitemos e dispensemos o óbvio.

Sugerir, não determinar; fazer chegar à mente do leitor. Muito menos falar tudo por tudo.

Ponha a verdade no seu haicu através de suas experiências concretas.

Não dê características humanas para o que abarcar.

Descreva como um filme ou foto, aqui e agora, sem retoques.

Tente sempre o corte. E, não esqueça, não existe título no haicu.

Daremos a seguir um exemplo meu.

Certa vez, em apartamento térreo na Praia Grande, um filhote de pássaro, entrou pela janela gradeada da sala e em voo rasante cruzou o corredor e no final, parou olhando para o percorrido. Em sequencia, em

outro voo rasante, fez o caminho de volta, saindo por onde entrou:

Voa o filhote em primeira tentativa. Brevê conquistado.

Podemos reparar que o terceiro verso é uma raciocínio do autor, não tem nada de fotografia para um leitor ver, apreciar, mas sim, saber da opinião do autor que fecha o texto. Não há nada a acrescentar pelo leitor.

Vejamos uma tentativa de tornar o mesmo acontecimento, em um poemeto haicu, sem interferência do autor:

No primeiro voo, o filhote na calçada. Pais o acompanham.

Esta seria uma tentativa descritiva para o leitor conjecturar, por sua experiência, ou pela surpresa, algo mais além do texto. Manolo

Verbos como ser, parecer, p.e., não existem em fotografias (existe, sim, nossa intromissão na foto!).